

JAQUELINA APARECIDA RODRIGUES AMARO



**A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS:
Relato de uma Experiência no Ensino Médio**

Belo Horizonte
2011

JAQUELINA APARECIDA RODRIGUES AMARO

**A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS:
Relato de uma Experiência no Ensino Médio**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Natália Martins Carneiro

Belo Horizonte
2011

Amaro, Jaquelina Aparecida Rodrigues

A fotografia no Ensino de Artes Visuais: relato de uma experiência no ensino médio:
Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Jaquelina Aparecida Rodrigues Amaro – 2011

37 f.

Orientador (a): Natália Martins Carneiro

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Carneiro, Natália Martins - II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: Relato de uma Experiência no Ensino Médio*, de autoria de *Jaquelina Aparecida Rodrigues Amaro*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Orientadora: Natália Martins Carneiro

Membro da Banca:

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte – MG
2011

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo. Sempre!

Aos meus pais pelo incentivo e cuidado.

Ao Ricardo, pela contribuição em face ao meu crescimento pessoal e pela tolerância constante.

Ao meu filho João Ricardo, que por muitos sábados, sofreu com minha ausência. E pacientemente, por várias vezes suportou a negação de carinho e atenção para que eu executasse as incontáveis atividades.

E aos demais familiares pelo apoio em várias ocasiões.

Agradeço ainda, a professora e orientadora Natália, por seu apoio e orientação, que me conduziram ao amadurecimento de conhecimentos e conceitos, proporcionando a execução e conclusão desta monografia.

Agradeço também, aos professores e tutores. Especialmente a Maria José e Humberto, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão, paciência e acima de tudo pelo aprendizado.

A todos os colegas. Principalmente ao Paulo, pelo aprendizado durante as viagens, e pelas caronas, sem as quais, literalmente, não teria chegado até aqui.

Agradeço ao destino por ter-me feito nascer pobre. A pobreza foi-me uma amiga benfazeja; ensinou-me o preço verdadeiro dos bens úteis à vida, que sem ela não teria conhecido. Evitando-me o peso do luxo, devotou-me à arte e à beleza.

Anatole France

RESUMO

No projeto de ensino *A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: Relato de uma Experiência no Ensino Médio*, trabalhou-se a apropriação de conceitos artísticos visuais, auxiliada pela inserção de novas tecnologias no âmbito escolar, privilegiando a compreensão da fotografia, propondo novos meios de se garantir uma aprendizagem significativa e de valores positivos. Nesta monografia há um breve histórico acerca do processo evolutivo do ensino de artes no Brasil; seguida de um enfoque da importância e inserção de novas tecnologias no âmbito escolar, neste caso a fotografia como conteúdo, seus conhecimentos próprios e específicos, tais como: história, funcionamento, aplicativos, etc. E por fim relata os passos de uma proposta de trabalho voltada para o ensino de Artes Visuais, no 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Wilson de Melo Guimarães.

Palavras-chave: Ensino de Artes, Imagem, Fotografia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Portinari, Auto-retrato, 1956.....	13
Figura 2 – Abordagem Triangular.....	15
Figura 3 – Florence, 1930.....	17
Figura 4 – Primeira fotografia permanente do mundo, 1825.....	17
Figura 5 – George Eastman – Auto-retrato em filme experimental.....	18
Figura 6 – Primeira máquina fotográfica digital, 1975.....	19
Figura 7 – Alunos da 2ª série/Ensino Médio da E.E. Prof. Wilson de Melo Guimarães.....	27
Figura 8 – Visualização das fotos trazidas pelos alunos	28
Figura 9 – Mural de fotografias dos alunos	29
Figura 10 – Alunas em atividade no Laboratório de Informática.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....	10
2. A IMAGEM FOTOGRÁFICA NO ENSINO DE ARTE.....	14
2.1. A Imagem Fotográfica: um Entendimento Histórico.....	14
2.2. A Fotografia e o Ensino de Arte.....	20
2.3. A Fotografia nas Aulas de Artes Visuais: Uma Experiência no Ensino Médio....	28
3. O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTE NA SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR WILSON DE MELO GUIMARÃES.....	24
4 - REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

A inserção de novas tecnologias como fatores determinantes no processo ensino-aprendizagem, aliada à disponibilização dos mecanismos fotográficos, projetam uma interface que privilegia uma compreensão da fotografia como conteúdo, no qual encerra em si conhecimentos próprios e específicos.

Para que a fotografia seja vista além de um registro simbólico, e como objeto artístico, é necessário, a demonstração do valor real da fotografia na prática pedagógica, justificando a apresentação desta proposta de trabalho. A imagem fotográfica no ensino de arte, seu entendimento histórico e uma experiência no ensino médio, podem ser compreendidas no capítulo 2 desta monografia.

A fim de se estabelecer referenciais influenciadores das práticas pedagógicas do ensino de artes visuais no Ensino Médio, tal proposta é embasada no reconhecimento da fotografia como arte e como conteúdo integrador do processo de construção artística.

Trata-se de uma proposta voltada para os alunos do Ensino Médio, visto que aos mesmos, são oferecidas as aulas, de acordo com as Diretrizes Norteadoras para o Ensino de Arte no Ensino Médio, e sua obrigatoriedade é fator determinante na grade curricular. Para melhor explicar a importância do ensino de Arte, o primeiro capítulo apresenta a história do ensino de Arte no Brasil.

O objetivo é compreender a fotografia como produtora de conhecimentos. Após discutir conceitos importantes sobre a produção fotográfica, os alunos buscarão e registrarão imagens que refletem “artes”, desde o princípio de criação, tanto quanto aos processos de impressão para visualização. Investigar, produzir, examinar e projetar artisticamente as fotografias serão parâmetros influenciadores nos resultados desta proposta, relatados no terceiro capítulo.

Entretanto, é fundamental ressaltar que o processo ensino aprendizagem, seguirá referenciais que proporcionarão o aprendizado real. Cabíveis aqui, para esclarecimento, as teorias, de Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae, as

Noções de Leitura de Imagens, por Pillar, definições e história da fotografia, por Kossoy, Sontag, Tavares e outros. E no processo de produção da fotografia como arte, terão relevância Rosalind Krauss, Valério Vieira, Felix Richter, Sebastião Salgado e outros.

1 – HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Por apresentar variantes culturais, históricas e individuais a serem analisadas, o conceito de arte torna-se subjetivo. Nenhum pouco simplório, determinado conceito foi alvo de estudo de vários artistas e pensadores. A definição da palavra arte segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa é:

Arte: atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação” (FERREIRA, 2004, p.32)

Para definir os períodos de evolução da apreciação da Arte como disciplina integradora do sistema escolar brasileiro, é preciso ressaltar todo o processo histórico de formação do território e nacionalidade, adequando-a a evolução da Arte no mundo. No período colonial, as manifestações referentes a artes provinham do imperialismo europeu conduzidas pelos jesuítas que negavam ao Brasil, uma identidade artística. As manifestações quilombolas e indígenas se apresentavam sem estrutura e aconteciam paralelamente.

A Arte como conteúdo de ensino priorizava a elite e acontecia seletiva e formalmente. Uma nova estrutura visionária foi adquirida com a vinda da família real portuguesa, pela qual se incorporou ao Brasil os novos propósitos para o ensino de artes. É valioso ressaltar a criação, em 1816, da Academia Imperial de Belas-Artes, que após a proclamação da República, passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes, que tinha como referencial o desenho, com a valorização da cópia fiel. Baseado nas heranças européias, a utilização deste modelo foi constantemente criticado, pois era distante do aluno e restrito ao ambiente escolar. Trabalhos de identidade e impressionistas apareceram com a ampliação de escolinhas de arte, surgidas ao fim do Estado Novo.

A busca por uma identidade nacional, com valorização da linguagem infantil, criação de currículos e programas referentes às praticas de artes, apareceram somente a partir da semana de Arte Moderna, acontecida em fevereiro de 1922, em São Paulo. Um dos objetivos dos artistas envolvidos na Semana era de reagir aos padrões antiquados da sociedade e à invasão da cultura estrangeira. Apesar de não participar do evento, Cândido Portinari, foi um dos incentivadores da busca pela identidade da Arte brasileira.

O que vou fazer é observar, pesquisar... Uma tela só, cem vezes raspada e cem vezes pintada só para o artista, em uma procura incessante de perfeição, vale mais, sem dúvida, do que uma centena de telas acabadas, feitas sobre fórmulas alheias, quase mecânicas, que o artista traga da Europa, como documentação de uma inútil operosidade (PORTINARI, 2004, p.10).



FIGURA 1: Portinari, em auto-retrato, 1956.

O estudo da arte no período tecnicista, posterior ao ditador militarismo político, está presente na Lei nº 5692, de 1971, onde a Arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina. O estudo e a prática artística ficam sucumbidos às salas escolares com ênfase no desenho restrito ao campo profissional.

Ensinava-se a copiar modelos – a classe toda apresentava o mesmo desenho -, e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, que aprendessem técnicas e adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes, de alguma forma, fossem úteis na preparação profissional, já que eram, na sua maioria, desenhos técnicos ou geométricos. O desenho deveria servir à ciência e a produção industrial, utilitária (MARTINS, 2009, p. 10).

O movimento Arte-Educação, com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, com mobilização de grupo de professores de arte, marcou a década de 1980. Com a promulgação da Constituição em 1988, ampliaram-se as discussões

sobre valorização e aprimoramento do professor e iniciaram-se as discussões sobre o ensino de Arte. Aprovada em 20 de dezembro de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº9394), estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno.

A educação em Arte requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências. Entre os avanços nas práticas de ensino em Arte está a Abordagem Triangular, surgida no Brasil na década de 1980, tendo como sistematizadora Ana Mae Barbosa. Primeiramente chamada de Metodologia Triangular, passando para Proposta e, finalmente, Abordagem. Trata-se de uma teoria-metodológica para o ensino de Arte, considerada como uma visão contemporânea do ensino, onde estão relacionados o saber, a construção, a elaboração, o fazer, a experimentação e as possibilidades. No meio escolar, segundo Ana Mae Barbosa, deveria haver:

Um currículo interligando o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte que estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 1991, p.35).

A liberdade de expressão, como objetivo de ensino é característica da Abordagem Triangular, onde o mais importante não é criar um artista. Devem ser considerados em tal abordagem os pilares estruturais: fazer, conhecer e apreciar que se completam e possuem a mesma importância. Fazer artístico com desenvolvimento de potencialidades: percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade e flexibilidade. Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar proposta artística, pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresenta durante a atividade artística.



FIGURA 2: Esquema: Abordagem Triangular
Fonte: <http://otempoeoventojuraci.blogspot.com/12/09/2011>

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um meio de dar sentido à experiência das pessoas. Por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, não somente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas, de distintas culturas e épocas.

Nós devemos no Brasil acabar com o orgulho de fazer uma arte para meia dúzia, o artista deve educar o povo, mostrando-se acessível a esse público, que tem medo da arte por ignorância, pela ausência de uma informação artística que deve começar nos cursos primários. Os nossos artistas precisam deixar suas torres de marfim, devem exercer uma forte ação social, interessando-se pela educação do povo brasileiro. Todos os homens de espírito, no Brasil vivem isoladamente sem sentimento de coletividade, por isso são eles que tem menos força (PORTINARI *apud* AZEVEDO, 2004, p. 22).

Como facilitadora do encontro da arte com os alunos, a escola deve mediar ações específicas para a promoção do contato real entre os envolvidos. O desafio não é só o de provocar o olhar conceitual do aluno acerca da arte, mas proporcionar este encontro atentando para as novas possibilidades de ensino. Considerando a inserção das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem nas aulas de Artes Visuais, novas possibilidades podem ser incluídas, na perspectiva de um encontro mais significativo.

2 – A IMAGEM FOTOGRÁFICA NO ENSINO DE ARTE

2.1 – Imagem fotográfica: um entendimento histórico

O entendimento da imagem visual pressupõe um conhecimento prático sobre o que foi produzido, como foi produzido, e os aspectos que permeiam essa produção, tais como fatores sociais, econômicos, políticos ou históricos. A compreensão da imagem depende de seus valores estruturais e significados. “Ler uma imagem é saboreá-la em seus diversos significados, criando distintas interpretações...” (PILLAR, 2001:17).

Ao final do século XVIII e início do século XIX, as transformações processadas pela Revolução Francesa e Industrial modificaram o contexto social estimulando novas maneiras de viver e ver o mundo. Comandos como a rapidez e a precisão, a redução de custos e possibilidade de multiplicação, imperaram sobre as imagens produzidas, ajudando a criar um ambiente propício para o avanço das pesquisas referentes à produção de imagens. A capacidade da fotografia de produzir, opticamente, imagens do mundo visível possibilitou inúmeras aplicações. À medida que se tornou uma experiência cada vez mais pessoal, a fotografia ampliou ainda mais, o significado da experiência em se conservar um momento em uma imagem.

Fotografar é reter a respiração quando todas as nossas faculdades se conjugam diante da realidade fugaz (...) é reconhecer, simultaneamente, dentro de uma fração de segundo o próprio fato (...) é colocar a cabeça, o olho e o coração na mesma linha (BRESSION, 1984, p.24).

Por definição, fotografia é, essencialmente, a técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando esta em uma superfície sensível. A palavra fotografia vem do grego φως [fós] ("luz"), e γραφίς [grafis] ("estilo", "pincel") ou γραφή grafê, e significa "desenhar com luz e contraste". Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, fotografia é:

Processo de formar e fixar sobre uma emulsão fotossensível a imagem dum objeto, e que compreende, usualmente, duas fases distintas: na primeira, a emulsão é impressionada pela luz, e sobre ela se forma, por meio dum sistema óptico, a imagem do objeto; na segunda, a emulsão impressionada é tratada por meio de reagentes químicos que revelam e fixam, permanentemente, a imagem desejada. Imagem obtida por esse processo: foto; retrato. Cópia fiel; reprodução exata (FERREIRA, 2004, p.85)

O legítimo inventor da palavra *Photographie* foi o francês radicado no Brasil, Hércules Florence, que desenvolveu, em 1833, experiências com a câmera obscura, baseadas em negativos. Kossoy, 150 anos depois, no detalhamento do manuscrito *Livre d'Annotations et de Premier Matériaux*, comprovou o pioneirismo de Florence no emprego da palavra *photographie*, e seu reconhecimento mundial pela invenção paralela da fotografia no Brasil, pelo menos cinco anos antes que o vocábulo fosse utilizado na Europa.



FIGURA 3: Florence, 1930.

A primeira fotografia reconhecida, mesmo não nomeada fotografia, remonta ao ano de 1826 e é atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce. Trata-se de uma imagem produzida numa placa de estanho coberta com um derivado de petróleo fotossensível chamado Betume da Judéia.



FIGURA 4: Primeira fotografia permanente do mundo, 1825.

Porém, a descoberta da fotografia não passa por um único autor. Trata-se de um processo histórico evolutivo, no qual é preciso destacar a importante participação

de pessoas que agregaram conceitos e fizeram com que a fotografia se apresentasse da forma que conhecemos atualmente. Os conceitos da câmara escura de Giovanni Baptista Della Porta (1558), a utilização para esboço de pinturas por Leonardo da Vinci no século XVI, e os processos de revelação por vapor de mercúrio do francês Daguerre, foram fatores determinantes para a evolução da fotografia. Entretanto, a popularização da fotografia como produto de consumo deu-se a partir de 1888, através da empresa Kodak que introduziu a câmara tipo “caixão” e o filme em rolos substituíveis criados pelo empresário estadunidense, George Eastman.



FIGURA 5: George Eastman – Auto-retrato em filme experimental.

A partir de então, novos processos de expressão através da imagem, que se apresentaram com a evolução nos sistemas de captação fotográfica, iniciado pelo controle automático de exposição, avanços do filme, comandos de flash e focalização automática, culminando na substituição do filme de base química por sistemas eletrônicos de registro de imagem.

Atualmente, vive-se a chamada “Era da Informação” ou “Era Digital”. Peter Drucker (19/11/1909, Áustria – 11/11/2005, EUA) primeiro a denominar o momento que estamos vivendo de Era da Informação, no livro "Administração em Tempos de Grandes Mudanças", expõe novo paradigma social, determinando seu início, pela atitude dos soldados americanos que, retornando da II Guerra Mundial, exigiram colocações imediatas em universidades, demonstrando que o conhecimento já era mais valorizado do que o trabalho operacional. Daniel Bell advertiu: "Que poder operário que nada! A sociedade caminha em direção à predominância do setor de

serviços." Ou seja, o poder direcionava-se àqueles que possuíam algum tipo de conhecimento que interessava a outros.

A fotografia digital, denominação adotada para designar a fotografia em base eletrônica, apresenta vantagens em relação a anterior em função das facilidades de captura e armazenamento, distribuição e uso das imagens.



FIGURA 6: Primeira máquina fotográfica digital, 1975.

As novas possibilidades de produção e uso da imagem fotográfica fizeram surgir também novos desafios de ordem operacional e conceitual. Quanto ao campo operacional, devido à grande quantidade, surge a questão da preservação das imagens, que exigirá contínuo investimento em equipamentos e softwares específicos. Já no plano conceitual, a atenção deve ser especial com relação aos aspectos estéticos e éticos, devido à fácil manipulação e uso da fotografia em meios eletrônicos.

A popularização das imagens digitais aconteceu em função da esmagadora quantidade de equipamentos com recursos especializados disponíveis, e de sua utilização tanto para uso amador quanto profissional ou científico. O uso amador ou doméstico da fotografia se concentra no registro de fatos da vida, geralmente em um contexto familiar, fazendo com que as fotos sejam importantes para as lembranças. Segundo Susan Sontag, a fotografia passou a ser “um rito social capaz de legitimar

eventos a presença do registro fotográfico que a valoriza, tais como festas e casamentos” (SONTAG, 1981, p,34).

A fotografia em âmbito profissional está ligada às atividades que envolvem meios de comunicação impressa ou eletrônica, cujos parâmetros são de ordem específica. Neste caso, destacam-se o jornalismo com a impressão de fotos em grande escala e a publicidade através da união do texto com a mensagem visual, transmitindo valores com elementos da própria imagem manipulada. Já no campo científico, a fotografia se apresenta na medicina, como documento de doenças e tratamentos médicos ou ortodônticos, e fonte de estudo e pesquisa, imagens em Raio-X ou diagnóstico por imagem.

Profissionalmente, a fotografia também é usada em acervos de documentos históricos, estudos da população e ambiente, no mapeamento topográfico, fotos de satélite, engenharia de trânsito, câmaras de segurança, fotos de microscópios e telescópios, no design gráfico de produtos e materiais impressos. A fotografia expandiu-se e é hoje utilizada em praticamente todas as áreas da atividade humana.

Mais importante, porém, do que dominar a câmara que se usa é desenvolver o olhar e a intenção do fotógrafo, além de conhecer as características do meio em que transitará e será apresentada a foto. François Soulages discute as determinações técnicas e humanas no processo fotográfico:

A imagem da fotografia, como a da câmara obscura, não é, portanto natural, nem objetiva, nem neutra, mas cultural e herdeira de técnicas, de práticas e de teorias historicamente determinadas. Desta forma, a dimensão estética da linguagem fotográfica inevitavelmente dialoga com questões pictóricas, uma vez que sua gênese encontra-se atrelada a história da arte, quer seja recebendo influências da linguagem pictórica ou influenciando-a com a nova forma de olhar e dar a ver o mundo a partir da câmara fotográfica (SOULAGES, 2010, p.97).

A partir dessa consideração da fotografia e seu potencial artístico, surgiram diversas opiniões. O uso artístico da fotografia afluou uma disputa ideológica entre fotógrafos e artistas diversos. O preconceito perante a fotografia como arte aconteceu sob a alegação de que o resultado da obra não aparentava a utilização da mão humana, portanto, sua inoperância.

O fotógrafo é, por excelência, o artista mais rápido que existe. Essa rapidez de execução da obra de arte acrescenta uma responsabilidade enorme ao fotógrafo: captar o “momento certo”, o enquadramento perfeito, a expressão ideal. É, sem hesitações, este o maior anseio do fotógrafo-artista (TAVARES, 2009, p 118 -129).

Vários artistas buscaram o reconhecimento da fotografia como produção artística. Destaque para os pictorialistas do fim do século XIX, que prezavam os valores estéticos da composição. Entre eles, o pintor Degas que declarou usar fotos para fins de estudo em pinturas; e Marcel Duchamp que produziu pinturas inspiradas pelo trabalho do fotógrafo Etienne Jules Marey.

Como a fotografia passou a ser utilizada em larga escala no início do século XX, novas pesquisas ligadas à arte também surgiram. Fotógrafos, como o húngaro André Kertész e o russo Alexander Rodchenko, Man Ray e Lázlo Moholy-Nagy, investigaram as possibilidades técnicas dentro do laboratório, criando montagens, solarizações e fotogramas sofisticados. O fotógrafo brasileiro Geraldo de Barros também desenvolveu importante trabalho na década de 1950. Henry Cartier Bresson pregava que: “Para fotografar buscando o momento decisivo, é preciso manter a mente, o coração e o olho em sintonia” (CARTIER-BRESSON, 1984, p.32). Diversos autores estudaram como se dá o percurso dos olhos sobre as imagens.

As imagens oferecem um tempo de magia, de natureza diversa do tempo linear, reproduzido pela escrita. Após a captura geral dos elementos sincrônicos, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem. O vaguear dos olhos é circular, gerando o tempo mágico, pois a cada ciclo tende a retornar para elementos já vistos e o antes se torna o depois. A leitura se dá pela relação entre imagem e percepção, onde “o olhar diacroniza a sincronidade imagética por ciclos” (FLUSSER, 1985, p.14).

Para se produzir um trabalho artístico, é comum o uso de várias imagens fotográficas considerando para tanto, uma sequência das imagens e a disposição de elementos estéticos. Os brasileiros, Miguel Rio Branco e Arthur Omar publicaram livros que exploram as possibilidades da fotografia com edição artística.

2.2 – A Fotografia e o Ensino de Artes

A inserção da imagem visual na vida das pessoas, atualmente acontece de forma rápida, constante e com recursos cada vez mais inovadores. Em uma mistura de criação e recriação, a todo instante, imagens são apresentadas e reapresentadas. Para dar o devido valor à produção artística, é preciso conhecê-la. Saber ver e analisar imagens é importante para que se possa inserir significado às mesmas. É importante também, inserir significados ao produzir imagens. É preciso

conhecer e reconhecer imagens, bem como seu modo de produção, pois estes são bastante diversificados.

A imagem ocupa um espaço considerável no cotidiano do homem contemporâneo. Livros, revistas, outdoors, internet, cinema, vídeo, tevê, para citar apenas as fontes mais comuns, produzem imagens incessantemente, quase sempre à exaustão e diante de olhares de passagem. Todos são meios ao alcance da maioria da população brasileira e tão presentes quanto enraizados nos gestos mínimos de nosso dia-a-dia. Faz-se necessária uma tomada de consciência dessa presença maciça, pois, pressionados pela grande quantidade de informação, estabelecemos com as imagens visuais pouco significativas (BUORO, 2002, p.34).

As câmeras digitais modificaram as práticas fotográficas e a questão de percepção de imagens, fazendo baixar o custo de produção e possibilidade de reprodução.

Há apenas cinco anos, comprar uma câmera digital que pudesse tirar fotos com a mesma qualidade visual que uma câmera com filme custaria mais de US\$ 1mil nos EUA e muito mais em outros países. Mas os preços caíram drasticamente e a qualidade das câmeras aumentou. Hoje as câmeras na faixa de US\$ 500 são de qualidade quase profissional e todas, exceto as câmeras digitais mais baratas, produzem imagens de boa qualidade (GRABIANOWSKI, 2011, p. 32).

A temática audiovisual inserida na proposta curricular do Ensino Médio apresenta-se totalmente oportuna, devido ao aprofundamento do conhecimento e da relação das pessoas com a imagem em movimento, consolidado com o surgimento e desenvolvimento da fotografia, bem como o aparecimento das atuais tecnologias vinculadas aos produtos audiovisuais. Para se estabelecer uma aprendizagem que considere as possibilidades de reestruturação do conhecimento, entendimento dos modelos de comunicação e informação da atualidade, e domínio da expressão artística, vinculados aos novos parâmetros sócio-econômicos, tendo como mediadores os produtos audiovisuais, é necessário que a escola faça adequações para que os alunos entendam e se expressem através de mídias, apropriando-se de atitudes que diminuam a exclusão digital, uma das tendências que forçam a discriminação dos jovens.

Entre as adequações, a escola deve se considerar, espaço privilegiado para a construção da cidadania e do desenvolvimento integral do indivíduo, mediante a construção e o aprofundamento de conhecimentos. Ana Mae Barbosa afirma com muita propriedade que "só um fazer consciente e informado torna possível a

aprendizagem em arte” (BARBOSA, 2005, p. 31). A escola deve ainda, colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências, que os façam relacionarem o aprender e o criar, que articulem percepções, imaginação, sensibilidade e conhecimento; além da produção artística pessoal e coletiva.

Conectar-se às novas tecnologias é essencial para o docente compreender melhor o universo do seu interlocutor, porém não basta. Não é a nova tecnologia que ensina. É o professor. A tecnologia é um dos meios de ensinar e traz sem dúvida, novas possibilidades para a docência. No momento há muita confusão entre tecnologia e conhecimento (LIMA, 2011, p. 27).

Através do entendimento dos mecanismos da expressão audiovisual, desenvolvem-se habilidades, competências e atitudes, ligadas aos processos de investigação, compreensão e contextualização, tópicos descritos nos parâmetros curriculares nacionais que norteiam o ensino das artes audiovisuais.

A concepção de mundo, bem como a capacidade de leitura do mesmo por parte dos alunos, poderá acontecer através da inserção da mídia fotográfica, proporcionando uma nova visão dos produtos artísticos.

Conforme Hernandez "a compreensão da cultura visual significa, em primeiro lugar, reconhecer que vivemos inundados de uma extraordinária variedade de imagens" (HERNANDEZ, 2000 p.51). Isto se dá, principalmente, porque muitos produtos audiovisuais, neste caso a fotografia, introduzem novas abordagens de entendimento para o aluno, como indica Jacques Aumont: "A dimensão imagética, tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha o papel de descoberta do visual" (AUMONT, 2003, p.45).

Entre as modalidades das artes visuais, resultantes dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX, a fotografia, apresenta-se como um importante produto audiovisual que pode ser empregado como expressão artística própria, autônoma e independente. A fotografia pode viabilizar o processo de construção do conhecimento artístico. Vigostsky salienta que "ensinar o ato criador da arte é impossível; entretanto, isto não significa, em absoluto, que o educador não pode contribuir para a sua formação e manifestação" (VIGOSTSKY, 1999, p. 325).

A tecnologia digital tem modificado os paradigmas que envolvem o mundo da fotografia, porque os equipamentos são oferecidos a preços cada vez menores, com recursos cada vez mais sofisticados e de fácil manuseio. Tais modificações também

ocorrem devido à incorporação da câmera fotográfica aos aparelhos de telefonia móvel, que vem contribuindo para a ampliação e democratização do uso da imagem fotográfica nas mais diversas aplicações.

Segundo Sansonovski (2010), uma das grandes dúvidas atuais, devido à grande proliferação de câmeras e tecnologias de fotografia digital, é referente ao tamanho da imagem, número de pixels, resolução, número de dpi, tamanho para impressão, megapixels etc. Termos que passaram a ser populares no meio fotográfico onde antes se falava apenas de negativo ou cromo e tamanho final da ampliação.

É importante que, mediante as imagens obtidas no processo de investigação do cotidiano, os alunos sejam orientados através de metodologia específica, a analisarem e estudarem as imagens documentadas, fazendo correlações sociais, geográficas, étnicas, etc. Para tanto é exigido do professor, uma postura conhecedora e problematizadora frente a esta realidade. Não se pode mais simplesmente reproduzir algo que a cultura visual já se ocupa de divulgar, com a simples justificativa de que, fazendo desta forma, já se trabalha a realidade do aluno. É preciso que o professor elenque estratégias de ensino para que a disponibilidade dos aparelhos tecnológicos, não signifique ou se torne apenas, facilitadora do processo ensino-aprendizagem. O importante na atual proposta é o conhecimento real da imagem fornecida pela fotografia.

A função do educador no mundo digital é ajudar o aluno a construir conhecimento. Neste contexto, a professora e pesquisadora do programa de pós-graduação em Educação e do curso de graduação em Pedagogia da Unisinos, Eliane Schlemmer, afirma:

Cada vez mais o professor vai ser fundamental, mas não o professor passador de conteúdo, e sim, o professor que problematiza, que instiga, que ajuda o aluno a construir seu conhecimento na interação com os demais e também com várias fontes de informação (SCHLEMMER, 2001, p.38).

É preciso mudar os pensamentos acerca do ensino de Artes Visuais. Ser agente transformador nessa labuta, para que o ensino de Artes Visuais deixe de ser apenas mais uma disciplina escolar; meramente falível ao atual sistema de ensino, é papel de todos que vêm nas artes um caminho favorável à abertura de novos saberes.

Para o trabalho com Arte nas escolas é importante o professor pensar e se perguntar porque ele ensina Arte e também que reflita sobre os objetivos que quer atingir com tal trabalho, que intenções estão por trás dele, o que de fato quer que o seu aluno aprenda (CUNHA, 2005, p.10).

Sabe-se que toda ciência é por excelência, integradora. Quer de forma introspectiva – ciência = cientista, quer de forma abrangente – ciência = seguidores. Entender, portanto o ensino de Artes Visuais como ciência, unicamente, fechada, restrita, puramente ciência, é tornar os ensinamentos também restritos, estáticos e pouco aceitáveis. O ensino de Artes Visuais deve ser visto e vivido com base em possibilidades.

Deve ser construído com dinamismo e com tendência a continuidade, como uma percepção do intelectual e visões construtivas. O dinamismo deve ser o norteador de atividades que revelem propósitos adquiridos. Adquiridos pela formação específica. Não sendo aceitável o ensinamento do básico, mas a busca constante do inovador, do diferente. É notável uma nova linhagem de pensamentos e pensadores que valorizam o ensino de Artes Visuais e o trata como disciplina integradora de saberes. Mesmo sabendo que o desafio é grandioso, é preciso que os profissionais de ensino busquem o reconhecimento das Artes Visuais como processo de transformação e como oportunidade.

Para que haja transformação, os alunos devem perceber que aprenderam, que conheceram. Os indícios de transformação e aprendizagem não são aparentes para todos os alunos. O professor deve referenciá-los aos trabalhos apresentados, contextualizando-os dentro do percurso pessoal de cada um e do percurso desenvolvido pelo grupo. O que ficou de mais importante para os alunos e as possíveis lacunas serão referenciais para criação de novo projetos. Iniciando o planejamento de novas explorações como os alunos, o professor refletirá sobre sua conduta, descobrirá novos caminhos para suas ações pedagógicas e apontará rumos inexplorados. (MACHADO, 1984, p.75)

As artes visuais, além das formas tradicionais — pintura, escultura, desenho, gravura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe etc. —, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, design, arte em computador.

Neste início de século XXI, o que se apresenta é a possibilidade de aprofundamento no saber de cada uma dessas modalidades artísticas e de redimensionamento das relações possíveis com elas. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si e com outras pessoas de diferentes maneiras.

3. O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE ARTE NA SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR WILSON DE MELO GUIMARÃES

Sabendo que os recursos tecnológicos provenientes do uso de imagens estão presentes em grande parte do cotidiano de nossos alunos, é de fundamental importância que os mesmos conheçam, questionem e interajam de maneira conceitual e criativa, tais recursos.

Com a finalidade de ampliação das possibilidades de se conhecer, refletir e agir sobre a mesma temática nas disciplinas Arte e Geografia, foi proposto uma interação entre elas. Apesar de se unirem para fins de aprendizagem, cada disciplina tratou de assuntos relevantes a sua proposta de ensino. Neste caso, relata-se aqui, apenas as questões voltadas para o Ensino de Artes Visuais nas aulas de Arte, na turma do 2º Ano do Ensino Médio, da E.E.Prof. Wilson de Melo Guimarães, visto que esse é o objetivo deste trabalho. Sem, contudo, desmerecer o trabalho desenvolvido pela ótica da Geografia.

Ao elaborar um produto visual, artístico, o aluno desenvolve uma outra visão sobre esses produtos na medida em que muda de mero espectador para agente produtor.

Merece ser mencionado, que a proposta foi aceita de imediato, sob alegação de que era fácil rápida e que já estão acostumados a fotografar. Segue relatório sobre o acontecido.



FIGURA 7: Alunos do 2º Ano do Ensino Médio da E.E.Prof. Wilson de Melo Guimarães

Foi apresentado aos alunos, em uma aula expositiva, um breve histórico sobre a fotografia, utilizando para tanto um arquivo PDF, através da ferramenta de produtividade PowerPoint.XP.

Como atividade extra-classe, os alunos escolheram 10 fotografias particulares que consideravam interessantes.

Na aula seguinte, foi dada aos mesmos, a oportunidade de visualizar as fotos trazidas do ambiente familiar por eles e pelos colegas. Por se tratar de apreciação aleatória, houve demonstração apenas de expressões faciais que transpareciam curiosidade, espanto e crítica as fotos em questão. Vale ressaltar, a preocupação em comentarem acerca do vestuário dos fotografados, caretas, olhos vermelhos, etc.



FIGURA 8: Visualização das fotos trazidas pelos alunos

A partir de então, começou o processo de reflexão acerca da produção de imagens fotográficas. Com intervenção e sob direção da professora, iniciou-se um debate com questionamentos relevantes para a continuidade da proposta de trabalho. Perguntas instigantes, com enfoque “o que, quem, quando, onde e porque” proporcionaram a construção do pensamento e afloraram o conhecimento acerca da produção da imagem fotográfica.

Houve então, em aula posterior, a visualização das mesmas fotografias, porém, de maneira dirigida. Ao comando da professora, as fotos foram separadas em grupos nomeados por animais, pessoas, acontecimentos sociais, etc. e foram entregues a um grupo de alunos. Cabia aos mesmos, a discriminação visual: deveriam se ater a detalhes, posição, luz, movimento, etc. Cada grupo fazia sua explanação sobre as fotos recebidas e deixava um parecer oral acerca de determinada produção. Para tanto, deveriam se perguntar: Houve arte nesta produção? Há vestígios de arte na imagem? Percebe-se alguma montagem que favoreça o enquadramento dos itens de cada imagem? O criador da fotografia teve um olhar diferenciado ao fotografar? A partir de tais indagações e citações

anteriores, os alunos começaram a perceber que é possível fotografar fazendo arte, ou produzir artisticamente fotografando.



FIGURA 9: Mural de fotografias dos alunos

A partir de tais indagações e citações anteriores, os alunos começaram a ver a fotografia como produto artístico. Perceberam que a fotografia não serve apenas para registrar momentos sociais, familiares ou jornalísticos, mas que é possível produzir artisticamente usando a fotografia como suporte.

Em outra aula, os alunos partiram para a prática. O objetivo era fotografar de maneira diferente. Perceberam que nas fotografias trazidas por eles, parecia faltar algum item importante, do tipo, luz, foco, distância, visão, sentimento ou expressividade, cabia a eles agora, fazer algo novo, diferente, relevante, artístico. Cada qual trouxe seu material, no caso câmera digital. Foi dada a oportunidade de se utilizar câmeras com filme, de celulares ou outras. Porém, conforme citado na monografia, os alunos estão tão inseridos no mundo da tecnologia, que eles mesmos não quiseram utilizar mecanismos diferentes à máquina digital, sob alegação de que tais equipamentos são superiores aos demais, visto que oferecem recursos capazes de modificar a produção fotográfica, neste caso, oferecendo

imagens de melhor qualidade. O que demonstra e comprova que os alunos realmente já trazem uma bagagem de conhecimentos do mundo que os cerca.

Registradas as imagens, partiu-se em aula seguinte, para a parte seguinte de produção. Cada aluno trabalhou com as fotografias tiradas. No laboratório de informática da escola, eles executaram comandos: descarregar, salvar e manusear, utilizando ferramentas de produtividade do Windows: Word, Photoshop, figuração e outros.



FIGURA 7: Alunas em atividade no Laboratório de Informática

Nesta etapa do trabalho, as intervenções da professora, estavam embasadas nas reflexões dos alunos perante as imagens produzidas por eles, e possíveis modificações que propiciariam a mudança de simples fotografia para produção artística. Viram que é possível criar e manifestar-se através da fotografia que realizaram as atividades de finalização em casa, alegando que gostaram tanto do trabalho e que não poderiam esperar até a próxima aula para a conclusão.

Porém, antes da conclusão, foi feita uma aula de pesquisa usando como suporte a internet, onde o foco era a visualização de produções fotográficas de artistas já reconhecidos nesta área. Foram feitas várias buscas indiretas e diretas ditadas pela professora. Neste caso foram ressaltados: Rosalind Krauss - imagens com expressividade corporal; Valério Vieira - Os trinta valérios - fotomontagem de 1901; Felix Richter - imagens com jogo de luz e objetos em planos diversos;

Sebastião Salgado - imagens que certificam a desigualdade da humanidade com fotos em preto e branco; Boris Kossoy – fatos relevantes a história da fotografia e produções voltadas para o real, a vivência, a Geografia.

Em face tamanha satisfação pessoal por parte dos alunos, que para mim, poder ser definida como aprendizagem significativa, foi possível considerar uma exposição das produções fotográficas a fim de valorização da arte e não da fotografia em si, isolada.

As produções foram impressas em diversos padrões, neste caso, de acordo com a vontade ou expressividade dos alunos, e colocadas em exposição no mural de entrada da escola.

4 - REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

A fotografia é um meio de expressão, podendo ser usada de variadas formas: no jornalismo ampara as notícias, em revistas mostra a vida de celebridades e paisagens paradisíacas, em anúncios, relatórios, sites, palestras, eventos sócio-familiares e em tantos outros meios com finalidades diversas. Com o propósito de enriquecer os meus conhecimentos como profissional de ensino na área de artes visuais, transmitindo aos meus alunos o conteúdo referente a fotografia e que eles os consolidem de uma maneira dinâmica, tentei despertar lhes o interesse pela fotografia e conseqüentemente, as produções artísticas advindas da fotografia.

Como profissional de ensino, várias dificuldades foram encontradas para a execução desta experiência. Porém, como acredito que a fotografia é importante nas aulas de artes, não desisti.

Primeiramente, a proposta da experiência foi apresentada aos professores de artes atuantes na escola. Porém, segundo alegação dos mesmos, o assunto era muito complexo e não estava ligada ao ensino de artes. Nessa situação, pude constatar que, os profissionais mencionados, não apresentam conhecimentos específicos para lecionarem artes, e o pior, fizeram planejamento anual, fora dos conteúdos propostos pelo Currículo Básico Comum (CBC) de Artes para o Ensino Médio, indicado pela Secretaria de Estado da Educação.

Como precisava comprovar que a fotografia pode e deve ser tratada como conteúdo de ensino de artes nas escolas públicas, tive que fazer uma adequação do conteúdo “Fotografia” pertinente a grade curricular do ensino médio, para as aulas

de Geografia, disciplina que leciono na escola onde a experiência foi realizada, como já mencionado no capítulo 3. Utilizei da temática “Geografia das imagens: técnicas e tecnologias” proposta para o 2º ano do ensino médio e enfatizei nesta situação, a fotografia, sua história, funções, equipamentos, revelação, etc.

Por parte dos alunos, houve boa aceitação da proposta. No início, demonstraram certa dificuldade em aceitar que a fotografia é um conteúdo a ser aprendido, e seu domínio é fundamental para a criação de um produto artístico. Entretanto, se dispuseram a participar. Entre uma aula e outra, as indagações do tipo: *“É aula de artes ou de geografia? _ Pra que aprender isso?”* E outras manifestações faziam com que o foco pretendido se desnortasse. Nesta situação, foi importante o conhecimento prévio, o que considero e afirmo ser fundamental para os que lecionam artes.

Em relação aos equipamentos, estrutura física e materiais pertinentes a realização das atividades, não houve dificuldade aparente. Como a escola está inserida em uma região da cidade com elevados índices de criminalidade, portanto sujeita a uma vulnerabilidade social, a mesma participa dos programas governamentais para a inserção de novas tecnologias no ensino, estando equipada com laboratório Proinfo-MEC, câmeras digitais, filmadoras, impressoras e afins, o que favoreceu a experiência proposta, pois não houve nesta situação, impedimentos. A equipe diretiva viabilizou a execução da mesma, deixando a disposição os equipamentos que seriam utilizados. Nas questões didático-pedagógicas, não houve uma intervenção direta e supervisão por parte dos profissionais desta função, visto que os mesmos não estavam presentes constantemente na escola devido a troca de profissionais por outro motivos administrativos.

Uma questão que pode ser considerada desagradável, mas que não impede a realização desta atividade em outras ocasiões, se refere a exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Após a montagem do mural com as produções dos alunos, houve uma paralização das atividades escolares em função da greve dos professores da rede estadual, o que facilitou a ação de vândalos que destruíram partes dos trabalhos. Neste sentido, é possível observar e comprovar que é necessário fazer um trabalho de conscientização dos observadores de arte, neste caso, os próprios alunos da escola.

É importante relatar que, apesar de vários impedimentos aparentes por partes de muitos profissionais de ensino, a proposta de se trabalhar a fotografia como conteúdo artístico, é possível. Afirmo que foi minha primeira experiência de ensino de artes no ensino médio e minha dificuldade maior foi em valorizar a atividade como conteúdo único, lembrando que as aulas eram ministradas nos horários de Geografia. Também houve certo preconceito de alguns professores, que afirmaram que o tema era muito simplório, porque, segundo eles: *fotografar todo mundo sabe*. Nesta ocasião foquei-me nas atividades e desvalorizei os comentários que desmereciam a fotografia. Não que tais professores não precisassem saber a importância da fotografia, mas por pensar que não justificava explicar e defender algo que os mesmos não queriam entender.

O entendimento nesta ocasião é fator determinante para o alcance dos resultados esperados. Portanto, querer produzir artisticamente é diferente de ser produzir sabendo como fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo das produções artísticas, entramos em contato com a singularidade do modo de produção da linguagem. Considerando que o ensino de Arte no Brasil tenha se iniciado a custas do modelismo europeu e se desenvolvido por processos de legalização subjugados a políticas elitizadas, é notória certa dificuldade em se apresentar uma educação de qualidade e com resultados positivos referentes aos conceitos artísticos.

Todavia, o atual processo de ensino de Arte, apesar de não atingir o ápice da educação de qualidade esperada, progrediu consideravelmente, suportado pela valorização da arte como disciplina de ensino, favorecida pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), pelos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), CBC (Currículo Básico Comum) e diversos ordenamentos legais e teorias, com destaque para a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa. Contudo, as revoluções acontecidas em todo planeta nas últimas décadas, principalmente no campo tecnológico, tem favorecido uma aprendizagem mais inclusiva em todo âmbito escolar.

Aproveitar o atual momento e deleitar-se com as facilidades oferecidas por diversos equipamentos tecnológicos é fator indispensável para a apropriação de conceitos artísticos importantes e fator real para modificar as pragmáticas do marginalizado ensino de artes visuais.

A fotografia se torna neste enfoque, um mecanismo favorável a apropriação dos fatores acima mencionados, bem como de novos saberes artísticos. O processo de evolução da fotografia, suas funções, sua utilização na sociedade e o seu potencial artístico, e toda a possibilidade de fazer arte com fotografia e fotografar fazendo arte, pode ser comprovada através do estudo de caso realizado com alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Wilson de Melo Guimarães.

Embasado nos pressupostos acima mencionados, o estudo teve ainda como suporte noções de leitura de imagem, definições e história da fotografia, processo de produção e fotografia como arte, buscando referenciais em Rosalind Krauss, Valério Vieira, Felix Richter, Sebastião Salgado, Kossoy, Sontag, Tavares e outros.

Que os alunos entendam artes visuais utilizando para tanto, um mecanismo acessível, nesta questão a fotografia, e, posteriormente, produzam artisticamente e

tenham novos olhares acerca das produções alheias, foi um dos objetivos desta experiência de ensino.

Quer seja aluno, quer seja professor, todos devem agir em parceria estética, interpretando e criando significados para a obra que é criada ou apreciada, provocando ressonâncias pessoais, abrindo percepções e aumentando sensibilidade. Certos saberes, certas habilidades e sensibilidades, serão adquiridos, desenvolvidos e sentidos se realmente experimentados pelas linguagens artísticas, tanto fazendo, quanto apreciando arte.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, H. A. *Cândido Portinari – Coleção Aprendendo Arte, Vida e Obra*, Vol. 2, Edição Especial, Campinas: Educação e Cia, 2004.

BUORO, A.B. *O olhar em construção – Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*, São Paulo, Cortez, 1998.

CARTIER-BRESSON, Henri. El instante decisivo. In: FONTCUBERTA, JOAN (Org.). Ed. Blume, 1984

CUNHA, S. *Arte, Educação e Projetos – Coleção Aprendendo Arte*, Vol. 2, 3ª edição, Campinas: Educação e Cia, 2005

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – Editora Positivo*, 3ª Ed. 2004. Revisada e Atualizada

KOSSOY, B. *Fotografia e História*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. ISBN 85-7480-060-0

KRAUSS, R. E. *La originalidad de la Vanguardia y otros mitos modernos*. Alianza. Editorial: Madrid, 2006. Título Original: *The Originality of the Avant Garde and Other Modernist Myths*

MACHADO, A. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, M. C. *Teoria e Prática do ensino de arte: a língua do mundo*. Vol. único: livro do professor – 1ª ed. – São Paulo: FTD, 2009

PARK, M. B – IÓRIO, S. A. *Arte, Educação e Projetos – Coleção Aprendendo Arte*, Vol. 1, Campinas: Educação e Cia, 2004

PCN's – Parâmetros curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

ABORDAGEM TRIANGULAR – figura / esquema

Disponível em: <http://otempoeoventojuraci.blogspot.com/12/09/2011>

ALCÂNTARA, A. Disponível em: <www.araquem.com.br>.

Enciclopédia Digital Master.

BELL, D. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consulta. 2011-09-15]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$daniel-bell](http://www.infopedia.pt/$daniel-bell)>

CBC – Arte - *Orientação Pedagógica*: Elaboração de obras de artes audiovisuais. Ensino Médio/ Autor(a): André D'angellis Dias Ramos Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG/2005. www.crv.mg.br

EASTMAN, G:

www.kodak.pt/ek/PT/pt/OurCompany/HistoryKodak/GeorgeEastman.htm/14/09

ERA DIGITAL : www.cartamaior.com.br/14/09/2011

<http://www.bemparana.com.br/index.php?n=184003&t=o-novo-desafio-doaprendizado-na-era-digital>

FOTOGRAFIA BRASILEIRA. Disponível em:

[<www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/foto/apresent/index.htm>.](http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/foto/apresent/index.htm)

FOCUS – ESCOLA DE FOTOGRAFIA. Disponível em: [<www.escolafocus.net>.](http://www.escolafocus.net)

GOTAS, Espetáculo das. Disponível em: [<www.ufpa.br/ccen/fisicagotas.htm>.](http://www.ufpa.br/ccen/fisicagotas.htm)

KRAUSS - <http://www.artpublica.com/textos/Krauss01.pdf> .

MACROFOTOGRAFIA. Disponível em:

[<www.macrofotografia.com.br/inicio.shtml>.](http://www.macrofotografia.com.br/inicio.shtml)

[<www.olhar.com.br/dicas/macrofotografia.htm>.](http://www.olhar.com.br/dicas/macrofotografia.htm)

[<www.artelivre.net/html/macrofotografia/al_fotografia_manoel_januario.htm>.](http://www.artelivre.net/html/macrofotografia/al_fotografia_manoel_januario.htm)

MEYER, C. Disponível em: [<www.jbrj.gov.br/arboreto/estufas/orquid1.htm>.](http://www.jbrj.gov.br/arboreto/estufas/orquid1.htm)

OITICICA F, J. Disponível em:

[<www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografo-oiticica.htm>.](http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografo-oiticica.htm)

PORTINARI, C. www.infoescola.com/biografias/candido-portinari - 12/09

SILVA, J. Disponível em: [<www.juarezsilva.com.br/>.](http://www.juarezsilva.com.br/)

TAVARES, A. L. M. *A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea.*

Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia. N.º 1 (Julho 2009), pp. 118-129. URL:

http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf

<http://mosaicum.org/06/07/2011>)